



HELIO MATTAR, 75

Um os fundadores do Instituto Ethos e idealizador do Instituto Akatu, Helio se lembra muito bem da relevância da passagem pelos 50 anos. “Foi uma enorme transição em minha vida. Saí do mundo dos negócios (o então empresário teve os restaurantes America e Arabia) e fui trabalhar pelo coletivo. É um momento que você começa a se perguntar qual será seu legado. E o que interessa mesmo é o que a gente faz pelos outros.” Descendente de sírios e libaneses, o jovem Helio gostava de fotografia e de piano (hoje, adora Schumann) – só não seguiu nestas áreas por entender que poderia ter dificuldades financeiras. “Me formei engenheiro, mas tenho um lado artístico e humanista muito forte.” A vida lhe ensinou que “não dá para lutar por produtividade e eficiência a qualquer custo” e “não existe empresa saudável em um mundo doente.” Em 2001, com o Akatu, trouxe a expressão consumo consciente à tona. A ideia é comunicar para sensibilizar; e educar para mobilizar. “Sustentabilidade é se preocupar com o outro. A mudança de comportamento tem que existir na hora da compra, do uso e do descarte.” Além de curtir os quatro netos, nas horas de folga adora escapar com a mulher para Tiradentes (MG), onde tem uma casa secular no centro histórico. **(DG)**

SUELI CARNEIRO, 71

Para encarar o racismo e o sexismo contra mulheres, nasceu no dia 30 de abril de 1988 o Geledés Instituto da Mulher Negra, que também tem atuação importante diante outros males que afetam nossa sociedade, como a lesbofobia e a homofobia, além de preconceitos relacionados à origem dos brasileiros, crenças religiosas e classe social. Coordenadora de Difusão e Gestão da Memória Institucional do Geledés, vice-presidente do Fundo Brasil de Direitos Humanos e ativista do Movimento Feminista e do Movimento Negro do Brasil, Sueli é filósofa e doutora em Educação pela USP. Em 1988, ela integrou o Conselho Nacional da Condição Feminina em Brasília após denúncias de cantores de rap que eram vítimas frequentes de ações policiais. Com a prioridade focada em questões raciais e de gênero, o instituto trabalha nas esferas dos direitos humanos, da educação, da saúde, da comunicação, do mercado de trabalho, da pesquisa acadêmica e das políticas públicas.



VIRGILIO VIANA, 61

“Em nenhum momento ao longo da vida deixei de ter longas e frequentes interações com a natureza. Isso me dá força para seguir lutando pelos ideais de defender a floresta e os povos, que são os seus guardiões”, diz o superintendente-geral da FAS (Fundação Amazônia Sustentável), que tem como objetivos principais a redução do desmatamento e da degradação ambiental e a erradicação da pobreza extrema. PhD por Harvard e pós-doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade da Flórida, Virgílio aprendeu na infância, no sítio dos pais, em Lagoa Santa (MG), duas coisas essenciais até hoje. “Me deliciar na natureza, fazendo cabanas no alto da árvore, e respeitar o saber dos caboclos.” Era a semente para a presidência da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Como secretário de Estado do Amazonas (2003 a 2008), reduziu o desmatamento em 70%, ampliando as Unidades de Conservação de 7 para 19 milhões de hectares. “Nos finais de semana, costumo ir para o mato, vou para meu sítio no rio Negro, uma viagem de barco lindíssima, um prazer enorme.”



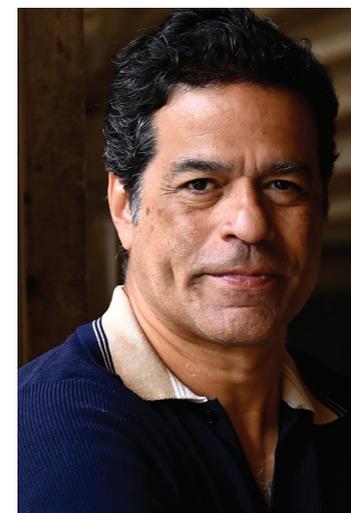
JOEL SCALA, 67

Há dez anos, ele sonhou o Observatório do Terceiro Setor, instituto que defende a construção de um Brasil mais igualitário. A plataforma de Joel Scala costura parcerias entre entidades não governamentais, organizações privadas e a esfera pública para viabilizar projetos de intervenção na realidade de populações vulneráveis e do meio ambiente. Com uma carreira de mais de 40 anos no jornalismo, vem buscando dar voz a agentes que atuam no campo social, invisibilizados na grande mídia. Nos mais de 20 anos dedicados ao terceiro setor, ajudou a estruturar a cobertura da área. O projeto de Scala é um dos principais canais independentes na divulgação do trabalho de ONGs no Brasil. Suas mídias alcançam mais de 1,7 milhão de pessoas. A serviço das causas sociais, o jornalista já ajudou a celebrar ações como a selada entre o Ministério Público do Estado de São Paulo e a ReUrbi, instituição que recolhe e transforma lixo eletrônico em computadores vendidos a preços acessíveis para comunidades.



RAÍ, 57

Ídolo do torcedor são-paulino graças aos nove títulos oficiais (entre eles o bi da Libertadores, 1992 e 93; e o Mundial de 92) e aos 128 gols em 395 jogos, Raí fez o grande gol da vida – e virou ídolo de toda a sociedade – em 10 de dezembro de 1998, dia em que criou a Fundação Gol de Letra ao lado de outro tetracampeão na seleção, Leonardo. A fundação é focada em educação para crianças e jovens socialmente vulneráveis. Ela atua na Vila Albertina (SP) e no Caju (RJ) com práticas educacionais e de assistência social para o desenvolvimento da comunidade. “A ideia nasceu da necessidade de usar o poder de mobilização e a comunicação do esporte em prol das causas em que acredito. Da vontade de criar um projeto para participar do movimento para um Brasil mais justo, com oportunidade e educação integral de qualidade para todos e o empoderamento das comunidades. A fundação dá sentido à minha vida; dá vazão ao que tenho de melhor.”



HELIO MATTAR - ROGERIO ASSIS / SUELI CARNEIRO - IARA VENANZI / JOEL SCALA - GABRIEL HIGUTE / OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR / RAÍ - STÉPHANE MANTEY / VIRGILIO MAURICIO VIANA - MICHAEL DANTAS